

# AValiação DA SAFRA 1993/94

Albino Eugênio Ferreira Zirlis<sup>1</sup>  
Alfredo Tsunechiro<sup>1</sup>  
Ana Victória V. Martins Monteiro<sup>1</sup>  
Carlos Roberto Ferreira Bueno<sup>2</sup>  
José Roberto da Silva<sup>1</sup>  
Luis Carlos Miranda<sup>1</sup>  
Marisa Zeferino Barbosa<sup>1</sup>  
Marina Brasil Rocha<sup>1</sup>  
Nelson Giulietti<sup>1</sup>  
Sonia Santana Martins<sup>1</sup>

## 1 - INTRODUÇÃO

Os problemas climáticos que ocorreram durante o desenvolvimento da safra 1993/94, principalmente a estiagem que atrasou o plantio na maioria dos estados da Região Centro-Sul, vêm gerando controvérsia sobre o dimensionamento da safra.

As previsões iniciais de dezembro de 1993, que indicavam quebra significativa da safra, deverão ser revistas. O decréscimo esperado na produção de algodão, em função do que está sendo denominado de "vermelhão", deverá ser revisto, uma vez que muitas lavouras estão se recuperando. Da mesma forma, as condições climáticas favoráveis no primeiro bimestre de 1994 beneficiaram bastante a cultura do arroz que deverá apresentar aumento de produtividade, podendo até compensar a redução da área cultivada.

Estimativas preliminares indicam expansão da área plantada com feijão da seca, o que deverá minimizar os problemas gerados pela escassez de feijão, provocada pela frustração da safra de Irecê. Há grande expectativa por parte dos produtores e industriais com relação a especulações sobre aquisição de farinha de mandioca por parte do Governo, com vistas ao atendimento de programas oficiais de auxílio às populações carentes, como por exemplo o

de cestas básicas.

A queda dos preços do milho verificada em fevereiro, mesmo que um pouco mais acentuada que a do padrão estacional de preços do produto, é de caráter conjuntural e provavelmente não deverá haver reversão na perspectiva de que em 1994 os preços superem em termos reais os verificados em 1993.

As exportações brasileiras de soja e derivados deverão experimentar substanciais elevações em consequência da menor produção estadunidense. Dessa forma, está sendo prevista a redução dos estoques finais brasileiros de grãos.

Às vésperas do plantio da safra de trigo 1994, o Governo ainda detém, na forma de EGFs, grande parte do produto de 1993, principalmente o de qualidade inferior. As perspectivas para 1994 são de tendência declinante do cultivo do trigo, ainda sob os efeitos da liberação do comércio do produto.

O mercado de produtos de origem animal, notadamente as principais carnes, encontra-se em relativo equilíbrio. A avicultura de corte deverá se expandir em 1994, face ao maior alojamento de pintos de um dia, em resposta ao aumento de consumo. As perspectivas são de recuperação dos volumes de exportação de carne bovina em 1994. A tendência dos preços do boi gordo é de alta.

Medidas efetivas de prevenção e controle

---

<sup>1</sup>Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola.

<sup>2</sup>Assistente Técnico de Apoio à Pesquisa Científica e Tecnológica do Instituto de Economia Agrícola.

da febre aftosa no Paraná estão abrindo as possibilidades da Argentina retomar as importações de carne suína brasileira.

O presente trabalho procura avaliar a situação da safra 1993/94 com os dados disponíveis até fevereiro de 1994, quando estão sendo iniciadas as colheitas nas principais regiões produtoras e antecipar o cenário de comercialização, sem contudo poder avaliar ainda os efeitos que o plano econômico do Governo, uma vez implementado, poderá trazer à demanda.

## 2 - SITUAÇÃO E PERSPECTIVAS

### 2.1 - Algodão

De acordo com a Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB) a área cultivada com algodão em 1993/94 na Região Centro-Sul do Brasil está estimada entre 609,2 e 642,9 mil hectares, com redução portanto de 19% a 14%, respectivamente em relação a do ano anterior, enquanto que a produção deve ser de 350,7 a 369,2 mil toneladas de algodão em pluma, com variação de -3,0% a 2,0% respectivamente em comparação a do ano passado. A comercialização insatisfatória da produção da safra passada, decorrente das condições desfavoráveis de mercado agravadas pelas baixas produtividades obtidas, constituiu-se em fator determinante da retração de plantio. A produção brasileira (inclusive a nordestina) deve alcançar 439,9 mil toneladas de algodão em pluma, 7,2% superior a de 1993, porém ainda está aquém do volume obtido em 1992 de 667,1 mil toneladas.

À exceção dos Estados de Mato Grosso e Goiás, onde as previsões são de expansão de área da cultura, de 10% e 15%, respectivamente, nos demais estados devem ocorrer reduções. Nesse panorama destaca-se o Estado do Paraná, cuja área plantada deve ser de apenas 239,0 mil hectares, 30,7% menor que a do ano anterior, a menor área cultivada desde 1975/76. Em São Paulo estão sendo cultivados 138,6 mil hectares, com redução de 2,8% em comparação ao ano anterior, a menor área plantada no Estado desde 1942/43, conforme dados do Instituto de Economia Agrícola (IEA).

As previsões da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) são mais otimistas. Considerando-se a Região Centro-Sul e Rondônia, o levantamento, feito em dezembro, acusa a expansão de 19,9% na área, devendo alcançar 888,3 mil hectares, bem como aumento na produção que deverá ser de 1.115,1 mil toneladas de algodão em caroço, ou seja 9,6% superior à obtida na safra passada, resultante, inclusive, de crescimento da produtividade média da ordem de 22,0%.

A produção de algodão, prevista inicialmente, deverá ser reduzida em função das lavouras estarem sendo acometidas de murchamento das plantas em todos os estados produtores. As causas dessa anomalia ainda não foram diagnosticadas pelas instituições de pesquisa que estão investigando o problema, nem tampouco foram reunidas informações suficientes que permitam uma boa avaliação das perdas. Até o momento há dúvidas quanto às perdas efetivas na produção ocasionadas pelo "vermelhão", pois vem se observando recuperação vegetativa de plantas afetadas.

Em São Paulo, além da ausência de chuvas no plantio, que já havia debilitado muitas lavouras foram detectados focos da "doença" em todo o Estado. Até o presente momento, as áreas mais atingidas localizam-se na região oeste do estado nas DIRAS de Presidente Prudente, São José do Rio Preto e de Araçatuba, sendo que as duas primeiras responderam por 42,0% do total de algodão produzido no Estado em 1992/93.

As transações comerciais encontram-se fracas pela expectativa em relação à nova safra, devendo ser intensificadas a partir do próximo mês. Contudo, a evolução favorável das cotações tanto para o algodão em caroço como para a pluma indicam que essa tendência deve ser mantida no início da comercialização e reforçada no caso da ocorrência de perdas significativas na produção provocadas pela anomalia. Por outro lado, o expressivo crescimento nos estoques iniciais dessa temporada e a demanda industrial ajustada ao consumo imediato constituem-se em aspectos importantes a serem considerados na evolução dos preços a médio prazo.

Em âmbito nacional, o setor têxtil deve continuar a trajetória de recuperação do nível de consumo de algodão em pluma iniciada há dois anos, podendo demandar 800,0 mil toneladas, volume

2,6% maior que o de 1993. Embora porcentualmente pequena, essa variação mostra-se coerente com a tendência atual de crescimento da economia brasileira.

Nas duas últimas safras, as importações têm desempenhado papel imprescindível à complementação do suprimento (43,6% do total da oferta em 1993), favorecidas pelos baixos preços vigentes no mercado internacional, assim como pela ausência de alíquota aduaneira de importação, abolida desde 1990. Além disso, o comprador do produto importado conta com maior prazo para pagamento, em geral, de 180 dias, prática economicamente inviável para os produtores nacionais.

Mesmo com a redução de 38,5% na produção brasileira em relação a 1991/92 e perspectivas de crescimento na demanda em 1994, o cotonicultor nacional não teve estímulo para expansão da cultura, dados os resultados financeiros desfavoráveis em função da expressiva participação de produto importado no abastecimento do mercado e conseqüente crescimento do estoque inicial estimado pela CONAB, para 1994, em 129,2 mil toneladas, 21% superior ao estoque do ano anterior.

As importações, em 1994, devem situar-se em 350,0 mil toneladas, contra 400 mil em 1993. No caso de aumento das perdas da produção nacional, o volume importado poderá ultrapassar o previsto. De qualquer modo, o importador brasileiro deverá encontrar, no mercado internacional, um cenário distinto daquele observado nas duas últimas temporadas, em vista da atual tendência de alta das cotações externas. As exportações brasileiras são estimadas em irrisórias 8,0 mil toneladas, a menor quantidade dos últimos dez anos.

Os preços internos apresentaram alta real em virtude da expectativa de redução da produção, além do reflexo da alta dos preços no mercado internacional. As cotações para o algodão em pluma, tipo 6 na Bolsa de Mercadorias & Futuros (BM&F), mantiveram-se praticamente estáveis, com variação de apenas 0,95% entre novembro e dezembro. No decorrer de fevereiro, até 22/02/94, os preços alcançaram, em média, CR\$12.139,71/@, equivalente a US\$23,00/@, representando aumento de 5,7% em comparação ao mês anterior. A mesma tendência é verificada em nível de produtor, dado que o algodão em caroço foi cotado, em média, a

CR\$3.201,25/@, ou US\$5,97/@, representando alta de 3,7% em comparação à média mensal de janeiro.

O Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) estima para 1993/94 uma oferta mundial de algodão em 25,88 milhões de toneladas, 3,7% menor que a da temporada anterior, enquanto que o consumo deve ser de 18,64 milhões de toneladas (-0,5%). A diminuição dos estoques mundiais e a redução da produção da ordem de 3,0% justificam a menor disponibilidade do produto.

Reduções na oferta de países grandes produtores maiores do que aquelas inicialmente previstas, e contingenciamento das exportações são os destaques no atual cenário do mercado internacional envolvendo China, Turquia, Paquistão e Índia.

No decorrer de fevereiro, os preços estiveram em franca ascensão, com variações de 15,7% e de 7,8%, respectivamente do índice A de Liverpool e do Mercado Futuro de Nova York para entrega em maio/94. Além disso, o decréscimo de 13,5% nos estoques mundiais deverá contribuir para a sustentação desse panorama durante a temporada 1993/94.

## 2.2 - Arroz

Em função de adversidades climáticas no último trimestre de 1993 - excesso de chuvas na Região Sul e seca no Sudeste e Centro-Oeste - o plantio de arroz sofreu atrasos em quase todas as regiões produtoras e em algumas foi preciso fazer replantios. Como o atraso no plantio aumenta o risco de queda da produtividade, a produção esperada está sendo reavaliada.

Levantamentos feitos em dezembro de 1993, pela CONAB e pelo IBGE, chegaram a números semelhantes para a produção de arroz na safra 1993/94 no Centro-Sul e no Estado de Tocantins. A CONAB prevê produção entre 8,4 e 8,8 milhões de toneladas, pouco acima da estimativa do IBGE de 8,4 milhões de toneladas. Ademais a CONAB estima a produção total brasileira em 10,1 milhões de toneladas (Tabela 1).

No final de fevereiro avalia-se que as condições climáticas no primeiro bimestre foram

TABELA 1 - Estimativa de Produção de Arroz em Casca, Safra 1993/94

(em 1.000 t)

Estado	CONAB	IBGE	Safras e Mercados	IEA
R. G. do Sul	4.847,0/4.993,9		4.418/4.655	
Minas Gerais	670,1/707,4		550	
Mato Grosso	712,1/772,7		660	
Goiás	457,3/477,6		402	
Tocantins	324,5/341,1		337	
São Paulo	269,6/284,0		275	274,2
M. Grosso do Sul	278,6/284,2		197	
Paraná	209,5/216,4		237	
Santa Catarina	684,0/697,7		645	
Subtotal	8.452,7/8.775,0	8.415,2	7.721/7.959	
Maranhão			1.000	
Nordeste			690	
Brasil	10.114,6		10.190/10.428	

Fonte: Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB), Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Safras e Mercados e Instituto de Economia Agrícola (IEA).

bastante favoráveis ao desenvolvimento das lavouras nas várias regiões e que aumentos de produtividade possam vir a compensar a redução de área de 7% a 10%, que ocorreu na Região Centro-Sul e no Estado de Tocantins. Acredita-se que o Nordeste e o Maranhão possam vir a produzir cerca de 1,7 milhão de toneladas. Porém, só em março, com a divulgação dos levantamentos realizados pela CONAB em fevereiro, haverá informações mais precisas sobre a produção nacional de arroz.

O consumo nacional deste alimento em 1994 está sendo estimado em 11,63 mil toneladas (base casca), exatamente igual ao previsto para o ano anterior. Note-se que, a partir do ano safra 1987/88 o aumento anual do consumo de arroz vinha sendo estimado pela CONAB em 2% mas, para 1992/93, foi calculado acréscimo de apenas 1% sobre a estimativa de consumo do ano anterior. Na hipótese de melhoria da renda popular, o consumo tenderia a

crescer acima do crescimento demográfico e a ultrapassar 12,0 milhões de toneladas.

A estimativa da necessidade de importação divulgada pela CONAB é de 980 mil toneladas, baseada na previsão de produção da ordem de 10,1 milhões de toneladas, e no consumo de 0,54 milhão de toneladas do estoque de passagem, com o que se teria um estoque remanescente de 0,3 milhão de toneladas.

O quadro de suprimento, ainda pouco preciso, é apertado. O mercado internacional do arroz, devido à redução na produção da China, Índia, Tailândia e Japão, apresentou forte elevação de preços. No final de janeiro, a Tailândia vendeu 200.000 toneladas de arroz (100% B) beneficiado pelo preço recorde de US\$450,00/t FOB/Bangkok. Em fevereiro, o Uruguai também fechou negócios a esse nível de preço, demonstrando que nossos fornecedores do MERCOSUL estão tomando por base os

preços internacionais.

A oferta nacional apertada e os preços internacionais ineditamente altos favorecem a expectativa de um ano de preços favoráveis ao produtor nacional, variando entre US\$9,0 e US\$13,00 na safra e na entressafra, embora os preços internos ao produtor tenham apresentado quedas reais em janeiro e fevereiro e se estabilizado neste final de mês, em torno de US\$9,5/50 kg no Rio Grande do Sul.

Acredita-se que essa redução de preços tenha decorrido das altas taxas de juros que oneram o carregamento de estoques, da necessidade dos produtores de fazerem caixa e desocupar os armazéns para a nova safra, da chegada de produto importado antes da alta dos preços internacionais e da própria aproximação da colheita, que já se inicia em algumas regiões. As importações, em nível superior ao verificado em anos anteriores, sairão bem mais caras devido ao aumento dos preços.

### 2.3 - Feijão

De acordo com as estimativas do IEA, de novembro de 1993, a área cultivada com feijão das águas em São Paulo em 1993/94 está situada em 126,3 mil hectares, acusando, portanto, expansão de 19,3% relativamente a correspondente safra do ano anterior. Em grande parte essa expansão pode ser atribuída aos elevados preços vigentes no primeiro semestre de 1993 que chegou a US\$50,00/60 kg, em decorrência da quebra da safra nordestina e também pelo fato de o Governo ter destinado os estoques oficiais aos programas de merenda escolar e de combate à fome, enxugando, assim, o mercado. Contudo, esse nível de expansão, embora elevado, não foi suficiente para recuperar os níveis históricos de área cultivada com feijão das águas em São Paulo, da ordem de 150 mil hectares, na média do último quinquênio.

É importante ressaltar que é bem provável que esses níveis de área cultivada não sejam recuperados, pois estão predominando na atividade os produtores mais capitalizados e, portanto, de melhor nível tecnológico. Os produtores em regime de parceria, assim como pequenos agricultores descapitalizados estão sendo alijados da atividade.

A produção estimada em 120 mil toneladas

é contudo, apenas 4% superior a do ano anterior, pois houve uma queda de produtividade (-12%) provocada por excesso de chuvas de agosto a outubro, estiagem e temperaturas elevadas em outubro e novembro.

Em São Paulo a comercialização da safra das águas ocorre normalmente de dezembro a abril, quando sofre a concorrência de produtos oriundos dos estados da Região Sul do País. Devido ao atraso no ciclo de produção nesses estados, a comercialização da safra paulista deverá ter seu término antecipado para fevereiro.

Os preços médios recebidos pelos produtores paulistas evoluíram de US\$36,40/60 kg em dezembro de 1993 para US\$40,00 em janeiro de 1994. Na terceira semana de fevereiro, o preço médio foi de US\$110,00, contudo, esse preço reflete na verdade o nível de atacado no interior, pois não há mais feijão de posse de produtores.

Os preços do feijão de todos os tipos estão apresentando elevações expressivas no mercado atacadista de São Paulo em fevereiro corrente. O preço médio do Cariquinha tipo 1 na terceira semana foi de CR\$53.000,00/60 kg, acusando uma variação percentual de 137% comparativamente ao verificado na última semana de janeiro e, nesta última semana do mês, estão oscilando em torno de CR\$70.000,00/60 kg, posto São Paulo.

Esse comportamento dos preços reflete a quebra da produção baiana de Irecê e as dificuldades de colheita nos Estados do Sul devido às chuvas. Concomitantemente, nessa conjuntura de escassez, a demanda governamental aumentou para fazer frente aos programas de combate à fome.

O mercado continua sendo abastecido pelos Estados do Sul, cujas safras estão no final, e também por Minas Gerais e Goiás. A perspectiva é de que os preços se estabilizem nos patamares atuais, pois já atingiram níveis que estão inibindo a demanda. Essa situação deverá permanecer até a entrada da safra da seca a partir de abril, que deverá ser maior em todas as regiões produtoras.

Em São Paulo também deverá haver expansão mas não num nível compatível com os estímulos do mercado. A elevação dos preços foi mais intensa nos últimos vinte dias e a época recomendada para o plantio (janeiro/fevereiro) está se esgotando, e fora dessa época o risco de frustração de safra é muito

alto. Além disso, o prazo é muito apertado para uma revisão no planejamento do plantio. Só mesmo os agricultores mais capitalizados é que deverão expandir a área cultivada. O plantio na principal região produtora já antecipou um pouco em função das chuvas que ocorreram na primeira quinzena de fevereiro.

Outro fator impeditivo de uma maior expansão de área é que muitas áreas foram substituídas por milho no plantio de verão e não há como antecipar a colheita do cereal.

## 2.4 - Mandioca

A produção nacional de mandioca da safra de 1993/94, pelas informações disponíveis, deverá ser inferior a do ano anterior. As últimas estimativas do IBGE para a safra 1993/94, já iniciada em janeiro nos principais estados do Centro-Sul do País, contemplam apenas as unidades dessa Região, para a qual a produção está situada em 10,5 milhões de toneladas, ou seja, um acréscimo de 12% em relação à colheita do ano anterior.

A produção da Região Norte também é expressiva em termos de volume e se constitui em fonte alternativa de suprimento de farinha para a Região Nordeste que, em média, representou 42% da produção nacional e é também a maior consumidora. Dessa forma, a falta de estatísticas oficiais relativas às Regiões Norte e Nordeste dificultam bastante as análises do mercado. Informações de mercado dão conta de que a produção de mandioca na Região Nordeste não deverá se recuperar neste ano, pois as lavouras foram prejudicadas pela prolongada estiagem que vem assolando a Região nos últimos anos. Nessas condições, seria de se esperar que o aumento previsto na produção de farinha da Região Centro-Sul fosse absorvido pelo Nordeste, como ocorreu em 1992 e 1993, o que se constituiu em fator de sustentação dos preços recebidos pelos produtores de mandioca, principalmente em 1992 (Tabela 2).

Nesses dois anos, as indústrias dos Estados do Paraná, São Paulo e Mato Grosso do Sul exportaram muita farinha para aquela Região. Entretanto, já no segundo semestre de 1993, as quantidades exportadas diminuíram muito em função da queda do poder

aquisitivo da população nordestina e da elevação dos preços do frete. Os comerciantes da região passaram a adquirir mais farinha do Pará, cujos preços são inferiores aos dos estados do Centro-Sul.

As perspectivas são de que os preços continuem apenas acompanhando a inflação, pelo menos até junho quando a safra do Centro-Sul deverá atingir o pico. Contudo, esse quadro poderá se alterar em função de um eventual aumento de demanda provocado pela implementação do Plano Econômico do Governo.

A safra no Estado de São Paulo está começando com o arranquio de mandioca velha, remanescente da safra passada, suficiente para abastecer o parque industrial até março, quando deverá começar a colheita de mandioca nova. A única estimativa disponível para a safra paulista 1993/94 de mandioca é do IBGE que situa a produção em 770 mil toneladas, representando um incremento de 23% comparativamente ao ano anterior.

Os preços recebidos pelos produtores paulistas estão sendo considerados baixos pelos agricultores que, através de suas associações, estão iniciando um processo de negociação com os representantes das indústrias. Os preços recebidos pelos agricultores paulistas mantiveram-se estáveis de janeiro até 20 de fevereiro, em CR\$15.000,00 por tonelada, para pagamento em dez dias, correspondente a US\$31,00/t contra um Custo Operacional Total estimado pelo IEA, em US\$25,00/t. Em janeiro de 1993, o preço médio recebido pelo produtor foi de US\$50,00/t. Nessa última semana de fevereiro, os preços foram reajustados para CR\$17.000,00/t mas caiu em termos reais, correspondendo a US\$28,00/t.

A redução das compras por comerciantes da Região Nordeste e o maior volume de entradas de farinha do Paraná estão forçando os preços para baixo, tanto em nível de produtor como no mercado atacadista de São Paulo. A redução de consumo industrial de raízes decorre, também, das elevadas taxas de juros que desestimulam a formação de estoques. Os preços médios correntes observados no mercado atacadista de São Paulo estiveram paralisados nas últimas três semanas de janeiro em CR\$5.500,00/50 kg, para farinha crua fina, reagindo nas três primeiras semanas de fevereiro quando o preço médio observado foi de CR\$8.700,00/50 kg.

TABELA 2 - Preços Médios Mensais de Mandioca Recebidos pelos Produtores, Estado de São Paulo, 1988-93

Mês	Corrente <sup>1</sup>					
	1988	1989	1990	1991	1992	1993
Jan.	2.003,33	81,71	470,49	3.906,60	30.573,74	789.674,00
Fev.	3.440,91	92,46	614,29	4.595,24	43.577,78	987.354,00
Mar.	4.084,21	92,84	997,14	5.859,33	64.010,56	1.043.759,00
Abr.	6.457,94	96,16	1.050,40	6.123,09	84.173,12	1.192.054,00
Mai	7.876,94	103,35	1.335,56	6.708,61	97.936,82	1.335.364,00
Jun.	8.526,22	115,37	1.422,88	6.198,65	109.962,60	1.678.862,00
Jul.	10.825,00	114,44	1.495,76	7.508,71	135.094,83	1.909,03
Ago.	14.069,13	121,87	1.548,58	9.385,14	209.297,70	2.633,19
Set.	18.846,16	133,75	1.816,08	11.018,16	286.800,00	3.859,00
Out.	27.962,52	173,87	1.945,01	13.593,18	368.647,00	5.749,55
Nov.	42.272,28	181,47	2.608,94	18.003,00	473.774,00	7.262,15
Dez.	58.344,76	222,79	2.980,95	20.953,70	602.981,00	10.690,91

Mês	Real <sup>2</sup>					
	1988	1989	1990	1991	1992	1993
Jan.	11.638.632,91	36.411,13	8.844,87	6.676,72	8.515,94	17.228,61
Fev.	16.992.154,42	36.847,10	6.726,77	6.484,86	9.726,47	17.028,14
Mar.	17.068.751,50	35.501,26	6.022,07	7.710,06	11.836,70	14.084,03
Abr.	22.428.892,78	34.962,88	5.697,99	7.409,60	13.130,42	12.545,22
Mai	22.891.250,01	33.325,21	6.642,13	7.620,88	12.476,89	10.625,07
Jun.	20.500.951,78	29.345,06	6.491,11	6.409,51	11.537,95	10.218,60
Jul.	21.421.924,22	21.111,06	6.039,77	6.881,37	11.648,23	8.805,11
Ago.	22.653.568,74	16.472,91	5.537,11	7.447,48	14.374,78	9.095,37
Set.	24.129.608,84	13.013,75	5.812,62	7.524,77	15.464,39	9.729,95
Out.	28.063.200,20	12.109,94	5.453,17	7.376,70	15.909,97	10.726,79
Nov.	33.148.953,04	8.760,64	6.227,73	7.768,46	16.459,69	9.892,43
Dez.	35.501.141,27	7.199,67	6.110,28	7.402,94	16.935,02	10.690,91

<sup>1</sup>Até dezembro de 1988, preço em cruzado; de janeiro de 1989 a março de 1990, preço em cruzado novo; de abril de 1990 até junho de 1993, preço em cruzeiro; a partir de julho de 1993, preço em cruzeiro real.

<sup>2</sup>Em cruzeiro real de dezembro de 1993. Deflator: IGP-DI, da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

Essa recuperação deve-se basicamente ao movimento de recomposição dos estoques. As expectativas do setor se voltam para o Governo, na esperança de que sejam adquiridas no mercado cerca de 20 mil toneladas de farinha que seriam destinadas aos Programas de Combate à Fome, notadamente para o Programa de Cesta Básica no Nordeste. Se efetivada, essa operação deverá minimizar o movimento de queda dos preços. Além disso, há expectativas de aumento da demanda decorrente da implantação do Plano Econômico do Governo.

## 2.5 - Milho

A produção mundial de milho em 1993/94, de acordo com previsão do USDA, de janeiro de 1994, será de 456,4 milhões de toneladas, 13,8% menor que a do ano precedente, devido basicamente à quebra da safra americana, em cerca de 33%, relativamente à produção recorde de 1992/93. Os demais países, em conjunto, deverão produzir 295,2 milhões de toneladas, correspondente a um aumento de 2,3%.

O comércio mundial de milho em 1993/94 (outubro de 1993 a setembro de 1994) deverá se retrair em cerca de 9,3%, estando estimadas pelo USDA transações de 62,4 milhões de toneladas. A redução deverá ficar por conta dos Estados Unidos (33 milhões de toneladas ou -21,8%), estando previsto crescimento de 10,5% das exportações dos demais países, em conjunto. A demanda total de milho deverá cair proporcionalmente menos que a oferta, tanto nos EUA, com retração de 6,4%, como no total mundial, com diminuição de 3,0%.

Os estoques finais de milho, em setembro de 1994, deverão ser de 66,6 milhões de toneladas, correspondendo a uma queda de 34,6% em um ano, graças principalmente à variação dos estoques americanos, cujo montante (20,4 milhões de toneladas) será 62% menor que em 1993. Nos demais países, em conjunto, os estoques estimados (de 46,2 milhões de toneladas) cairão apenas 4% no ano. Nessa conjuntura de mercado, os preços para a temporada 93/94 deverão ser maiores que os do ano precedente, estando previsto um preço médio recebido pelo produtor americano de US\$2,65 por bushel (US\$104,32/tonelada), cerca de 28% maior que o do

ano anterior.

No âmbito interno, de acordo com o levantamento feito pela CONAB em dezembro de 1993, a Região Centro-Sul deverá produzir na primeira safra (de primavera/verão) de 1993/94, 24,5 milhões de toneladas, o que significa um decréscimo de 4% em relação à produção da correspondente safra do ano anterior.

A queda prevista na produção é decorrência de retração da área plantada, substituída parcialmente pela soja e pela cana-de-açúcar em São Paulo, e da redução da produtividade da cultura, afetada por condições adversas do clima (estiagem) na época de plantio e desenvolvimento vegetativo. No mesmo levantamento, a CONAB previa, com hipótese de manutenção da produção no Norte-Nordeste, produção total nacional de 25,8 milhões de toneladas na primeira safra, ou seja, 3,1% menor que a de um ano atrás (Tabela 3).

Cabe ressaltar que estimativa do IBGE, também realizada em dezembro, situa a produção do Centro-Sul em 26,6 milhões de toneladas, apresentando, portanto, uma diferença de 2,1 milhões de toneladas a mais do que a da CONAB e é praticamente igual a do ano anterior.

O atraso da colheita da safra de soja deverá provocar atraso do plantio da "safrinha" de milho (segunda safra) em 1994. Conforme informantes das principais zonas produtoras, em face do aumento do risco de frustração da produção com o retardamento da semeadura, prevê-se manutenção da área plantada em 1994. Assim, admitindo-se a produtividade obtida no ano anterior, a produção prevista pela CONAB é de 2,4 milhões de toneladas nesta "safrinha". Acredita-se que, se os preços se mantiverem em patamares normais para este início de safra (de pelo menos US\$6,00 a US\$6,50 por saco), os produtores de soja, notadamente os do Paraná e de São Paulo poderão mais uma vez assumir o risco e realizar o plantio de milho "safrinha".

O quadro de suprimento de milho para 1993/94, elaborado pela CONAB, revela uma drástica deterioração do nível de auto-suficiência brasileira em milho, com produção capaz de cobrir apenas 87% do consumo nacional. Dessa forma, prevê-se a necessidade de se importar cerca de 2 milhões de toneladas do cereal, a maior desde a temporada 1985/86, quando foram importadas 2,4



TABELA 3 - Produção de Milho, Principais Estados da Região Centro-Sul, Brasil, 1990/91 a 1993/94

(em 1.000 t)				
Estado e Região	1990/91	1991/92	1992/93	1993/94
Primeira safra				
Paraná	4.600,8	6.693,0	6.630,9	6.664,0
Rio Grande do Sul	2.204,8	5.366,7	4.342,8	4.342,8
Minas Gerais	3.792,0	3.902,6	3.994,3	3.541,0
Santa Catarina	1.564,5	3.286,0	3.290,2	3.203,4
São Paulo	3.592,7	3.477,2	3.024,5	2.727,2
Goiás	2.759,0	2.794,5	2.281,0	2.171,2
Mato Grosso do Sul	882,0	771,8	713,0	667,4
Mato Grosso	698,9	753,3	810,0	781,6
Centro-Sul	20.518,8	27.469,7	25.531,9	24.510,5
Norte-Nordeste	2.654,3	1.860,3	1.260,0	1.260,0
Brasil (1)	23.173,1	29.330,0	26.791,9	25.770,5
Estado e Região	1990/91	1991/92	1992/93	1993/94
Segunda safra				
Paraná	368,1	649,5	1.129,7	1.129,7
São Paulo	478,1	597,6	876,0	876,0
Mato Grosso do Sul	76,5	97,6	179,3	179,3
Mato Grosso	0,0	52,5	125,2	125,2
Goiás	0,0	33,4	69,5	69,5
Santa Catarina	0,0	10,3	8,3	8,3
Centro-Sul	922,7	1.440,9	2.388,0	2.388,0
Brasil (2)	922,7	1.440,9	2.388,0	2.388,0
Total (1+2)	24.095,8	30.770,9	29.179,9	28.158,5

Fonte: Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB).

milhões de toneladas. O balanço de oferta e demanda se apresenta, portanto, desfavorável aos consumidores de milho, com perspectiva de preços reais maiores que os do ano passado e como fator de estímulo aos produtores que têm condições de realizar o plantio do cereal no período da seca (verão-outono ou mesmo verão-inverno) (Tabela 4). Por outro lado, ao se considerar a estimativa do IBGE, as necessidades de importação caem substancialmente.

O mercado nacional de milho, em 1994, deverá melhorar para os produtores em relação ao de 1993, quando já se constataram níveis considerados satisfatórios de preços. A conjuntura atual das safras nacional e internacional de milho e a perspectiva de crescimento da demanda interna, alavancada pelo aumento previsto do consumo de aves e suínos, são indicadores de preços reais para 1994 maiores que os da temporada precedente (Figura 1).

Os preços mínimos básicos da safra 1993/94 passaram a ter, a partir de janeiro de 1994, reajustes quinzenais, em função dos níveis da inflação brasileira. Dessa forma, o preço básico para os estados do Centro-Sul, na primeira quinzena de fevereiro de 1994, foi reajustado para CR\$2.835,00/60 kg e da segunda quinzena para CR\$3.352,80/60 kg. A sistemática de correção dos Preços Mínimos e do Preço de Liberação de Estoques Públicos (PLE) pela Taxa Referencial de Juros (TR), em níveis inferiores à inflação (quando medida pelo IGP-DI, da FGV), se por um lado, não deverá pressionar o Tesouro para garantir preço mínimo em face de preços de mercado maiores, por outro, não favorece a desova de estoques públicos (mormente os mais antigos) cujos custos de retenção são elevados e crescentes, pelo efeito dos juros cobrados.

A preocupação dos agricultores neste momento, de início de safra, é o elevado nível dos juros de mercado inibindo a formação de estoques, o que pressiona para baixo os preços do milho, prejudicando os produtores que, por seu lado, necessitam de fazer "caixa" para finalização da colheita. O preço recebido pelo produtor paulista em fevereiro de 1994 situa-se em US\$5,70/saco, menor que o preço mínimo (US\$6,06) e os preços recebidos no mesmo mês de 1993 (US\$6,60) e de 1992 (US\$7,10). Outra questão refere-se à restrição de crédito para comercialização (EGF e AGF) da atual safra, como efeito do decreto legislativo do Congresso Nacional

que suspende as correções monetárias no crédito rural.

## 2.6 - Soja

Segundo a CONAB, a produção brasileira de soja deverá atingir em 1993/94 cerca de 24,4 milhões de toneladas, registrando aumento de 5,8% em relação à safra passada. Essa significativa variação na produção tem como causa principal o aumento de 7,0% na área cultivada nessa safra, atingindo cerca de 11,5 milhões de hectares. A produtividade esperada deverá apresentar uma pequena queda de 1,2% em relação à obtida em 1992/93, basicamente em decorrência da irregularidade das chuvas que provocaram, em algumas regiões, atraso no plantio e, em outras, a necessidade de replantio. Entretanto, a fase mais crítica das lavouras ocorre em janeiro e fevereiro, quando se dá a floração e granação, período no qual o clima apresentou-se de regular para bom, com índices hídricos adequados. Assim, é possível que a produtividade média em nível de Brasil seja revista ao final da safra, superando os 2.124 kg/ha ora estimados.

Já de acordo com a primeira estimativa feita pelo IBGE, em dezembro de 1993, a produção de soja em 1994 deverá situar-se em 23,4 milhões de toneladas, ou seja, 6,5% mais que a colhida no ano precedente, devido a igual aumento estimado de área plantada (7%), porém mantendo a mesma produtividade média da safra anterior.

Com base nessa previsão de safra da CONAB para 1993/94, os Estados que deverão apresentar maior expansão em termos de área de plantio são os da Região Centro-Oeste, principalmente Mato Grosso e Goiás, seguidos pelos da Região Sudeste. Especificamente para o Estado de São Paulo, a área de plantio em 1994 deverá apresentar expansão de 6,9%, atingindo 523,64 mil hectares, enquanto que a produção estimada deverá resultar em 1,1 milhão de toneladas, registrando aumento de 12,4% em relação a 1993, segundo levantamento IEA/CATI.

Considerando a projeção da CONAB, o quadro de oferta e demanda para a próxima temporada comercial, iniciada em 01/02/94, é de relativa folga no abastecimento, mesmo levando-se em conta

TABELA 4 - Estimativa de Oferta e Demanda de Milho, Brasil, 1987/88 a 1992/93

(em 1.000 t)

Ano-safra	Estoque inicial	Produção	Importação	Suprimento	Consumo	Exportação	Estoque final
1989/90 <sup>1</sup>	3.080	22.257	700	26.037	24.800	0	1.237
1990/91	1.237	24.041	832	26.111	25.288	0	823
1991/92	823	30.771	340	31.934	28.500	0	3.434
1992/93	3.434	29.180	1.220	33.833	30.775	0	3.058
1993/94	3.058	28.281	2.061	33.400	32.600	0	800

<sup>1</sup>Estoque inicial em 01/03/90 e estoque final em 28/02/91.

Fonte: Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB).

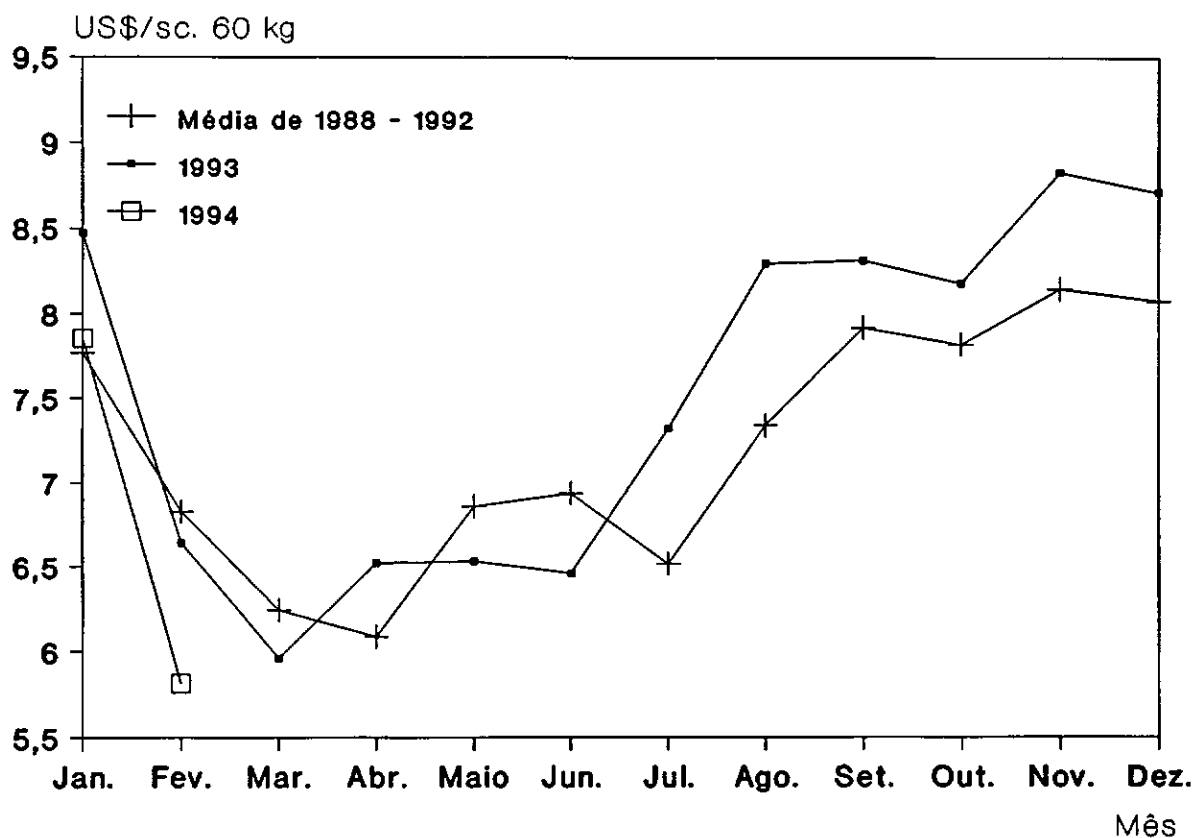


FIGURA 1 - Preço Médio Mensal de Milho Recebido pelos Produtores do Estado de São Paulo, 1988-92, 1993 e 1994.

os aumentos previstos no consumo interno e nas exportações de grão, óleo e farelo de soja. Com relação ao consumo interno dos derivados, os aumentos previstos são de 4,0% e 8,3% para o óleo e o farelo, respectivamente, atingindo o primeiro, 2.340,0 mil toneladas e o segundo, 3.900,0 mil toneladas. Esse crescimento encontra explicação, no caso do farelo, na expectativa de novo crescimento na produção de suínos e, especialmente, na de aves em 1994, enquanto no caso do óleo, no próprio crescimento vegetativo da população.

As exportações do complexo na atual temporada estão estimadas em 5,1 milhões de toneladas de grão, 1,0 milhão de toneladas de óleo e 10,1 milhões de toneladas de farelo, que representam incrementos de aproximadamente 11,0%, 24,4% e 10,0%, respectivamente, em relação às realizadas em 1992/93. O maior escoamento externo da produção tem como razão direta o hiato deixado no mercado pela queda de produção estadunidense e que deverá ser suprido, também, com produto argentino.

As receitas totais na exportação do complexo soja poderão situar-se em torno de US\$3,4 milhões na atual temporada, cerca de 6,0% superior aos US\$3,2 milhões estimados para 1993. Ainda assim, os estoques brasileiros de passagem para 1994/95 não deverão apresentar quedas substanciais de forma a pôr em risco o suprimento interno de óleo e farelo.

Apenas no que se refere ao grão, a queda em relação ao estoque final 1992/93 atinge um percentual elevado, da ordem de 7,0%, porém, em termos absolutos, o volume de 878,7 mil toneladas supera os registrados nos anos comerciais de 1989/90 a 1991/92. Para o óleo, inclusive, o estoque de passagem em 1993/94 deverá ser 13,1% superior ao de 1992/93, o que acarreta uma certa tranquilidade quanto ao abastecimento interno mesmo em face de uma eventual recuperação no poder aquisitivo da população, a qual vem sendo considerada factível a partir da implantação do novo plano econômico do Governo. Em situação mais frágil ficaria, nesse caso, o suprimento de farelo face à uma expansão superior à prevista nas atividades criatórias, visto que o estoque de passagem de farelo está estimado em 625,0 mil toneladas, 2,6% menor que o do ano comercial 1992/93.

Quanto à comercialização da safra brasileira 1993/94, estima-se que cerca de 40% do volume

esperado tenha sido comercializado até o final de fevereiro. A agilidade que o produtor de soja vem imprimindo ao mercado, viabilizada pelos bons preços vigentes no mercado internacional no segundo semestre de 1993, particularmente em novembro e dezembro, deverá contribuir para o menor afluxo do grão em abril-maio, meses de concentração da colheita brasileira, o que poderá resultar em preços menos deprimidos para o período. Essa postura dos produtores, reflexo também de sua melhor capitalização nas duas últimas safras, que inclusive levou a um menor comprometimento bancário (para custeio), pode ser considerada bastante acertada em 1994, já que à medida que se aproxima o período de plantio da soja estadunidense, as primeiras projeções (não oficiais) sinalizam que deverá ocorrer aumento na área de cultivo nos EUA em função dos bons preços alcançados em 1993. Além disso, com a regularização das condições climáticas (fim da seca) no Cone Sul, a colheita da safra sul-americana poderá atingir 36,7 milhões de toneladas, 1,8% a mais que em 1992/93. Diante desse quadro de provável recuperação da oferta mundial do grão em 1994, os preços externos deverão, a partir de março/abril, perder seu ímpeto de alta, dificilmente mantendo-se no atual patamar de US\$7,00/bushel em Chicago, alcançado em janeiro de 1994. Assim, ter comercializado parte da produção desde novembro de 1993 a janeiro de 1994, garantindo o aproveitamento de preços considerados muito bons pelo mercado, poderá ser um dos fatores a contribuir para a elevação da rentabilidade dos produtores na safra 1993/94.

Convém ressaltar que uma recuperação dos preços externos somente deverá ser esperada para o segundo semestre de 1994, após a comercialização da safra estadunidense de soja, muito embora ao longo desse período, possam ocorrer alguns repiques de preços, dependendo do desenvolvimento climático nos EUA que poderá afetar a produtividade das lavouras e/ou de expectativas quanto a um aumento na demanda externa. É bom lembrar, ainda, que os bons preços alcançados em 1993 foram resultantes, em larga medida, da quebra da safra estadunidense, reavaliada pelo USDA, em janeiro último, em 49,2 milhões de toneladas, cerca de 17,3% inferior a de 1992 e 1,4% menor que a estimativa anterior, em dezembro de 1993.

## 2.7 - Trigo

A produção brasileira de trigo em 1993, segundo estimativa da CONAB, situou-se em torno de 2,0 milhões de toneladas, volume 25% inferior ao verificado em 1992. Essa queda na produção resultou de reduções de 18% na área cultivada e de 9% na produtividade média, perdurando a tendência declinante desde 1989. Essa situação é decorrente de diversos fatores, entre os quais destacam-se: o acordo bilateral Brasil-Argentina, a privatização da comercialização do trigo e a liberação das importações (Tabela 5).

No Estado de São Paulo registrou-se uma área 40% menor que a da safra anterior, parcialmente compensada pelo crescimento de 37% na produtividade que atingiu 2.050 kg/ha, resultando numa produção de 88,4 mil toneladas.

A produção brasileira de trigo satisfaz atualmente cerca de 30% da demanda interna, enquanto que em 1987 uma produção de 6,1 milhões de toneladas respondia por 90%.

O consumo de trigo no Brasil tem apresentado decréscimo nos últimos três anos, passando de 7,6 milhões de toneladas em 1990 para 6,7 milhões de toneladas em 1993, como reflexo do baixo poder aquisitivo da população.

As necessidades de importação de trigo no ano comercial de 1993/94 (agosto-julho) estão estimadas em 5,0 milhões de toneladas. Contudo, esse número poderá ser revisto em função de mudanças que poderão ocorrer no cenário econômico, decorrentes do "Plano de Estabilização" ainda em fase de implantação. No momento, não há elementos suficientes para se fazer uma prospecção mais acurada sobre seus efeitos na demanda, mas vale lembrar que em 1986, devido ao Plano Cruzado, o consumo de trigo atingiu 7,9 milhões de toneladas. Dessa forma pode-se admitir a possibilidade das necessidades de importação aumentarem em mais 1,0 milhão de toneladas.

A demanda por trigo nacional tem sido baixa devido sua qualidade inferior, de modo que será necessário, portanto, que além de buscar melhor produtividade agrícola, sejam utilizadas variedades que propiciem produto de melhor qualidade.

Na comercialização da safra nacional de 1993, logo após a colheita foram adquiridas pelos

moinhos o produto de melhor qualidade, tendo atingido em São Paulo o preço de US\$147,00/t/FOB cooperativa. Do restante da safra, 1,3 milhão de toneladas foram "egefadas", estando nas mãos do governo, outras 400 mil toneladas foram vendidas em pequenos lotes e parte ainda está com produtores ou cooperativas.

O Preço Mínimo e o Preço de Liberação de Estoque começaram a ser reajustados quinzenalmente devido ao aumento inflacionário. O estabelecimento desses valores, atualmente, não afetam o mercado de trigo, uma vez que praticamente todo o produto não comercializado está "egefado", mas indica os níveis de preços, que é um dos fatores importantes para a tomada de decisão dos produtores na próxima safra.

O trigo do Canadá tem se apresentado como boa opção para o abastecimento do mercado interno, tendo sido negociadas, no início de janeiro, 1,4 milhão de toneladas a um preço que varia de US\$104,00/t a US\$106,00/t. O trigo canadense apresenta uma qualidade considerada muito boa pelos moinhos que, geralmente, o utilizam para fazer *blend* com trigo de outras origens, a fim de produzir farinha de melhor qualidade. Na mesma ocasião, o preço do trigo argentino FOB-Baia Blanca de US\$120,00/t chegava aos moinhos brasileiros a US\$162,74 enquanto que esse trigo canadense negociado a US\$104,00/t FOB atingia US\$174,19/t CIF-moinho devido às diferentes taxas de importação, custos de fretes e taxa adicional para renovação da Marinha Mercante da qual a Argentina é isenta.

Quanto à safra de 1994, os triticultores brasileiros poderão ser estimulados a produzir variedades de melhor qualidade com o estabelecimento dos grupos de classe de trigo, mas ainda não há perspectivas da área a ser plantada.

O plantio de trigo no Estado de São Paulo iniciar-se-á em março, e como não há ainda perspectivas de melhores condições de comercialização para o produto nacional, mantém-se o quadro de provável queda na área a ser plantada. O atual estoque de sementes de trigo da Secretaria de Agricultura e Abastecimento e das cooperativas tritícolas tem trabalhado com a perspectiva de 30 mil hectares em São Paulo, ou seja, uma área 37% menor que a de 1993.

Estão ocorrendo várias reuniões envolvendo técnicos da Secretaria de Agricultura e o setor produ-

TABELA 5 - Área, Produção e Produtividade de Trigo para os Principais Estados e Brasil, 1988/93

Safra	Especificação/unidade	Paraná	Rio Grande do Sul	Mato Grosso do Sul	São Paulo	Santa Catarina	Brasil
1988	Área (ha)	1.775.000	1.012.268	344.283	200.880	99.880	3.480.418
	Produção (t)	3.259.000	1.545.000	504.000	404.000	86.000	5.829.000
	Produtividade (kg/ha)	1.836	1.526	1.464	2.019	861	1.675
1989	Área (ha)	1.848.800	767.336	321.470	219.650	92.600	3.260.334
	Produção (t)	3.134.880	1.453.198	460.909	357.633	124.271	5.551.899
	Produtividade (kg/ha)	1.679	1.894	1.434	1.628	1.342	1.703
1990	Área (ha)	1.197.149	988.158	184.427	185.400	105.521	2.680.882
	Produção (t)	1.394.052	1.168.628	204.035	248.400	108.288	3.093.485
	Produtividade (kg/ha)	1.164	1.183	1.106	1.340	1.026	1.554
1991	Área (ha)	1.082.358	617.413	112.862	93.500	80.164	1.994.758
	Produção (t)	1.825.929	682.684	155.931	1.458.000	103.521	2.921.257
	Produtividade (kg/ha)	1.687	1.106	1.382	1.553	1.921	1.464
1992	Área (ha)	1.253.300	461.000	138.500	71.800	70.000	1.997.900
	Produção (t)	145.380	945.100	117.700	107.300	103.600	2.739.200
	Produtividade (kg/ha)	1.160	2.050	850	1.455	1.480	1.371
1993	Área (ha)	930.000	531.000	69.300	43.100	61.000	1.641.900
	Produção (t)	967.200	844.300	62.400	88.400	67.100	2.051.700
	Produtividade (kg/ha)	1.040	1.590	900	2.050	110	1.250

Fonte: Instituto de Economia Agrícola (IEA), Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB).

tivo visando uma definição do comportamento do "milho safrinha" neste ano, que tem sido uma das principais opções de inverno, ocupando áreas antes destinadas a cultura de trigo.

## 2.8 - Carne de Frango

A avicultura de corte continua com a dinamicidade iniciada no início da década de 70, quando a absorção de moderna tecnologia e manejo eficiente permitiu o crescimento da produção de carne de frango, com redução de custos e preços reais decrescentes. Dessa forma, a carne de frango, antes pouco consumida, teve seu consumo elevado, mostrando que foi o consumidor o beneficiado pela adoção da moderna tecnologia. Segundo a Associação Brasileira dos Produtores de Pinto de Corte (APINCO), a produção de carne de frango quase que duplicou na década de 80. Estima-se para 1993 uma produção de 3,14 milhões de toneladas, cerca de 9% maior que a de 1992, perto de 2,87 milhões de toneladas.

A atividade, apesar da atual crise econômica, quando a inflação atingiu mais de 2.500%, deverá continuar crescendo no próximo ano. Segundo a Associação Nacional dos Abatedouros Avícolas (ANAB), a evolução dos preços tanto do frango como dos insumos usados na sua produção evoluíram menos que a inflação excetuando-se os preços de pintos de um dia que cresceram 2.611% durante 1993. O preço do frango vivo cresceu 1.800%, do frango abatido 1.844% e no varejo, 1.774%. Dos insumos, o preço do milho evoluiu 1.706%; farelo de soja, 1.871%; e rações, 1.909%, 1.810% e 1.805%, respectivamente a inicial, de crescimento e final.

O alojamento de matrizes, até novembro de 1993, cresceu 7,5% em relação a 1992, significando que a produção de pintos de um dia e conseqüentemente a de frangos deverá crescer na mesma magnitude, ou seja, estima-se que a produção de carne de frango atinja cerca de 3,4 milhões de toneladas.

A produção de pinto de um dia cresceu 7% em relação a 1992, atingindo cerca de 2,11 bilhões de unidades contra 1,97 bilhão. Os principais produtores são: São Paulo com cerca de 22,1%, Santa Catarina 19%, Paraná 16,8%, Minas Gerais 12,9%, Pernambuco 4,7%, Ceará 2,6%, Espírito Santo

1,3%, Rio de Janeiro 1,2% e os demais estados 19,5%.

Estima-se que São Paulo produziu cerca de 942 mil toneladas de carne de frango, cerca de 30% da produção nacional, os demais grandes produtores são Santa Catarina, Paraná, Rio Grande do Sul e Minas Gerais.

O consumo de carne de frango efetivamente tem crescido, mesmo no cenário crítico da economia atual. Mas, isso se deve à mencionada dinamicidade da atividade, uso de moderna tecnologia, cujos coeficientes técnicos de produção têm melhorado ano após ano, permitindo produzir a custos mais baixos e preços decrescentes, repassando ao consumidor os ganhos tecnológicos.

Em se estabilizando a economia, com redução dos índices inflacionários, aumento do salário real e uma mais justa distribuição de renda, por certo haverá um aumento efetivo no consumo de carne de frango e um crescimento imediato na produção, já que o setor produtivo trabalhou em 1993 com uma capacidade ociosa em torno de 8%. Isto beneficiaria também a atividade, pois os produtores praticam preços aquém daqueles remunerativos à sua capacidade empresarial, diminuindo a sua margem, a fim de evitar retração no consumo, o que lhes traria prejuízo.

O Brasil além de ser o 3º maior produtor mundial de carne de frango, atrás apenas dos Estados Unidos e da China, tem sido o 2º maior exportador, superado apenas pelos Estados Unidos. Em 1993, as exportações brasileiras atingiram 412.144 toneladas no valor de 459.126 mil dólares, cerca de 11% e 7% maiores que as verificadas em 1992.

Os preços médios verificados no mercado internacional durante 1993 sofreram queda de cerca de 4%. Os exportadores brasileiros, apesar da conjuntura econômica adversa internamente e concorrência desleal no mercado externo, têm conseguido se impor internacionalmente graças, não somente à sua capacidade empresarial e organizacional, mas também devido à qualidade do frango aqui produzido.

O Brasil enfrenta alguns problemas no mercado internacional pelo fato de os principais mercados como o Oriente Médio e o Japão também serem disputados pela França e Estados Unidos, seus principais concorrentes. Esses países subsidiam as exportações, apesar dos acordos firmados no GATT.

Recentemente os Estados Unidos fecharam vendas no total de 2,5 mil toneladas para países do Oriente Médio, dentro do seu programa de subsídios às exportações.

Na França, avicultores fizeram protestos em repúdio à decisão de reduzir os subsídios às exportações de US\$40,32 para US\$33,60 por 100 kg de frango congelado, decisão tomada pela Comunidade Européia em outubro de 1993.

## 2.9 - Carne Bovina

A produção brasileira de carne bovina, em 1994, deverá situar-se em 5 milhões de toneladas em equivalente carcaça, o que corresponde ao abate de 25 milhões de reses aproximadamente, conforme estimativas do Conselho Nacional de Pecuária de Corte (CNPC).

A pecuária de corte em São Paulo, embora com uma produção de apenas 10% do total nacional, adquire grande importância econômica, tendo em vista que as 54 unidades industriais, como o Serviço de Inspeção Sanitária, localizadas no Estado, representam 30% da capacidade de abate nacional inspeccionada. Além disso, 80% das exportações brasileiras

são feitas através do Porto de Santos.

Espera-se exportar 440 mil toneladas de carne bovina este ano, recuperando a queda de 15% no volume de exportação verificado em 1993.

Contudo, o parque industrial paulista atualmente está convivendo com altas taxas de ociosidade e com um número crescente de unidades que estão paralisando suas atividades face às atuais condições de mercado. Os grandes frigoríficos, com abate diário da ordem de 1.000 cabeças/dia, trabalham com custos incompatíveis com a sobrevivência da empresa no mercado, além da concorrência desleal de empresas que trabalham com altas taxas de sonegação.

Segundo os dados do CNPC, o consumo esperado para 1994 é de 30 kg *per capita* baseado na estimativa de produção de carne bovina, desde que mantidas as atuais condições de mercado, ou seja, sem grandes oscilações no poder aquisitivo da população. Essa estimativa, contudo, contrasta com a da CONAB que coloca o consumo *per capita* de 1993 em 17,6 kg.

Sabe-se que a fonte dos dados utilizados pelas duas entidades é o IBGE, porém enquanto a estimativa da CONAB foi calculada considerando-se a produção de carne, a do CNPC considera o número de couros processados no País (Tabela 6).

TABELA 6 - Balanço de Oferta e Demanda Brasileira de Carne Bovina, 1990-94

Item	1990		1991		1992		1993		1994 <sup>1</sup>
	CONAB	CNPC	CONAB	CNPC	CONAB	CNPC	CONAB	CNPC	CNPC
Produção em equivalente carcaça	2.836	4.631	2.885	4.725	2.900	4.580	3.000	4.987	5.086
Importação em equivalente carcaça	208,6	230	88,9	180	90,7	46	100,00	49	54
Exportação em equivalente carcaça	225	249	315	326	400	434	360	386	440
Consumo <i>per capita</i> /kg	18,8	31,8	16,8	31,50	16,6	28,7	17,6	30	30

<sup>1</sup>Previsão.

Fonte: Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB) e Conselho Nacional de Pecuária de Corte (CNPC).



Essa grande diferença entre as duas estimativas alerta para a dificuldade e o perigo de compor modelos com projeções nos momentos nos quais há previsão de escassez de produtos.

Para o setor de pecuária de corte, em função de seu ciclo de produção ser o de maior duração entre os animais de exploração comercial, não há possibilidade de aumento significativo na produção a curto prazo, exceto com incentivo para a criação de animais em regime confinado, que por sua vez está na dependência do custo da ração, principalmente.

Em síntese, o comportamento das taxas de incremento do rebanho resulta na evolução do efetivo bovino a uma taxa anual de 3,1%, porém com variação entre 2,31% e 5,29% a.a., durante um período de quarenta anos, totalizando um rebanho de 153 milhões de cabeças que envia 16,5% do efetivo para abate e não há possibilidade de crescimento acentuado de imediato sem comprometer a recomposição do rebanho nacional.

A evolução dos preços do boi gordo, nos últimos cinco anos, indica uma tendência ascendente, com preços de entressafra ao redor de US\$400,00-450,00/cab., o que deve se repetir em 1994, porém há possibilidades de grandes saltos nos preços, pois o período de eleições é um fator que normalmente propicia este comportamento (Tabela 7 e Figura 2).

## 2.10 - Carne Suína

A produção brasileira de carne suína, em 1993, segundo estimativa da CONAB, é de aproximadamente 1,20 milhão de toneladas levemente inferior a da Associação Brasileira de Criadores de Suínos, de 1,25 milhão de toneladas. O consumo total aparente foi estimado em 1,17 milhão de toneladas, apresentando, portanto, um balanço de oferta e demanda relativamente equilibrado. Para 1994 espera-se comportamento semelhante com expectativas de pequeno acréscimo da produção (3% a 5%), em função de eventual expansão da demanda que poderá ocorrer em decorrência da implementação do Plano Econômico de Governo.

Reavaliação realizada por lideranças do segmento produtivo, em fevereiro último, demonstra

clima um pouco otimista em relação à realizada em janeiro. As medidas de prevenção e controle da febre aftosa nas regiões oeste e sudoeste paranaense permitiram que as barreiras fossem liberadas, e a perspectiva de retomada das importações argentinas, inclusive como resultado das negociações entre os dois países, são os fatores responsáveis pela reação que se observa no mercado. A partir da última semana de fevereiro, a maior procura por parte de compradores de Santa Catarina e Rio Grande do Sul tem provocado aquecimento dos preços na Região Sul com conseqüente fortalecimento do mercado paulista.

No Brasil, atualmente, tem-se o seguinte quadro oficial de consumo de acordo com os dados disponíveis: carne bovina (17 kg/hab./ano), carne de frango (18 kg/ha/ano) e carne suína (7,5 kg/hab./ano). Entretanto, diferentemente das outras carnes, cerca de 80% da oferta de carne de porco é consumida na forma de embutidos. E é esse mercado de derivados que se amplia consideravelmente numa situação de aumento no poder aquisitivo global, tal como no "Plano Cruzado". Nessas circunstâncias o mercado de produtos suínos, em 1994, poderá apresentar-se muito aquecido e haverá necessidade de importações. Um eventual crescimento da massa salarial requereria aproximadamente nove meses para que o segmento produtivo pudesse se ajustar. Desde janeiro, os criadores de suínos, de maneira geral, vêm mantendo uma posição cautelosa no sentido de investir na retomada de crescimento de plantéis.

Se a demanda interna, nos próximos meses, apresentar uma elevação branda e gradual, o setor terá condições de ajustar os níveis de produção à expansão do consumo, mesmo porque a previsão de menor oferta de milho para 1994 deverá ser, em parte, compensada por uma grande oferta de farelo de soja.

Os preços médios de varejo da carne de porco, da linguiça de porco e do presunto cozido, na cidade de São Paulo, foram reajustados em 27,08%, 39,0% e 47,5% respectivamente em janeiro de 1994 em relação a dezembro de 1993. No atacado paulistano, o preço da carne de porco resfriada elevou-se 13,5% aproximadamente nesse mesmo período. Em nível de produtor, esse reajuste foi da ordem de 20%, sugerindo que a margem bruta do varejo foi aumentada em relação a do atacado e do produtor.

TABELA 7 - Evolução de Preços da Pecuária Bovina, Estado de São Paulo, 1989 a 1993

(em US\$)									
Mês	1989			1990			1991		
	Boi gordo	Boi magro	Bezerro	Boi gordo	Boi magro	Bezerro	Boi gordo	Boi magro	Bezerro
Jan.	340,56	199,45	86,91	512,99	294,77	136,45	311,48	175,73	86,62
Fev.	321,98	202,39	94,63	468,79	293,90	139,05	340,51	202,68	109,62
Mar.	345,61	232,96	115,8	443,99	257,57	132,65	329,64	212,37	116,25
Abr.	428,53	290,34	152,77	383,78	229,70	115,05	325,41	219,06	124,38
Mai	512,47	353,74	194,13	410,77	289,66	152,12	307,40	211,85	122,61
Jun.	645,11	410,53	222,37	523,56	353,17	197,01	326,16	219,99	126,29
Jul.	453,18	283,05	149,38	467,14	312,47	175,32	373,04	232,73	127,91
Ago.	567,61	319,84	155,42	514,43	321,73	172,80	438,14	263,02	145,77
Set.	454,17	268,32	133,36	622,82	366,02	201,07	423,95	251,90	127,71
Out.	371,91	208,54	102,66	496,78	292,06	163,10	458,67	252,96	117,67
Nov.	419,26	203,97	91,33	366,74	208,03	105,57	419,00	232,02	132,10
Dez.	412,63	212,50	86,01	290,30	166,03	84,58	335,22	203,64	115,11
Mês	1992			1993					
	Boi gordo	Boi magro	Bezerro	Boi gordo	Boi magro	Bezerro			
Jan.	339,71	197,97	100,97	392,27	239,90	125,13			
Fev.	316,39	196,11	111,04	371,09	235,64	131,22			
Mar.	292,58	184,11	98,24	376,81	252,26	144,73			
Abr.	328,06	202,47	106,87	390,23	264,98	152,83			
Mai	344,55	242,59	137,70	367,21	250,96	144,17			
Jun.	311,15	232,70	121,54	346,65	232,69	128,95			
Jul.	309,11	202,93	113,79	390,02	232,61	134,18			
Ago.	357,26	224,59	120,56	474,61	271,18	145,79			
Set.	410,68	255,15	132,39	467,15	277,28	165,16			
Out.	398,60	244,26	117,68	440,45	250,81	135,95			
Nov.	345,80	223,47	120,61	423,51	241,77	132,63			
Dez.	401,43	234,61	121,13	446,00	243,52	135,76			

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

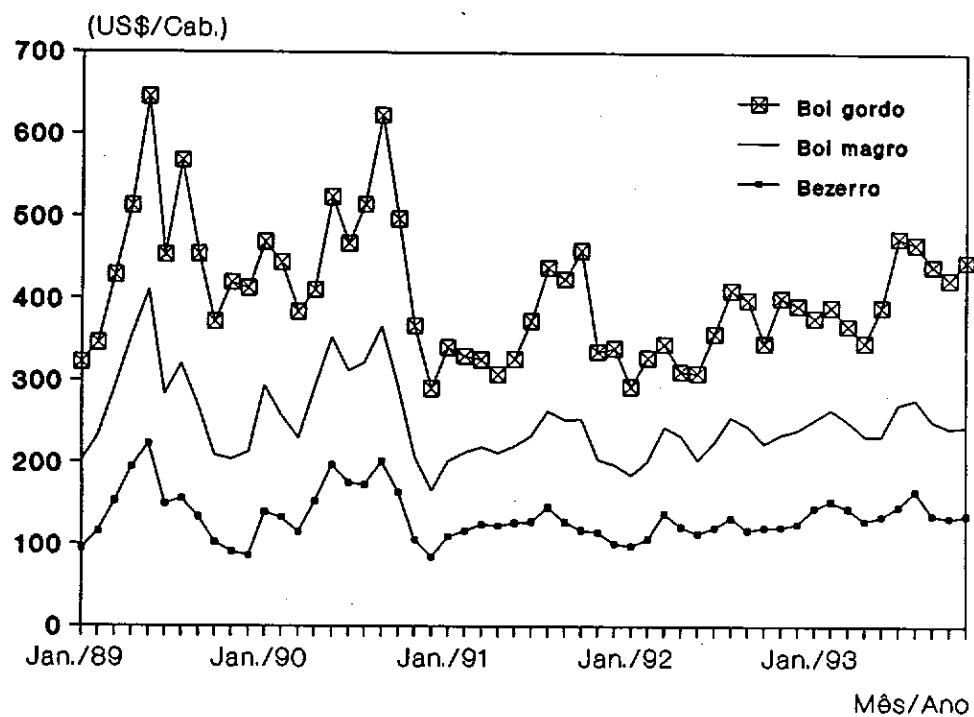


FIGURA 2 - Evolução de Preços na Pecuária Bovina, Janeiro de 1989 a Janeiro de 1993.